Correio da Manhã

Circula em conjunto com: CORREIO PETROPOLITANO e CORREIO SUL FLUMINENSE

#cm2

TERÇA-FEIRA

Cia do Nós celebra seus 40 anos com dois espetáculos

PÁGINA 8

Aos 60, Carlos Watkins lança seu primeiro álbum

PÁGINA 6

Carla Ribas brilha com 'Dolores' em San Sebastián

PÁGINA 3

Divulgação

Simulação da instalação com espelhos que fará com que a cúpula do CCBB RJ seja projetada na rotunda do prédio como se fosse um poço

Arquitetura *que fez arte*

Exposição inédita do artista plástico português José Pedro Croft apresenta 170 obras que dialogam com o espaço do CCBB RJ com a utilização de espelhos, gravuras monumentais e esculturas

Por **AFFONSO NUNES**

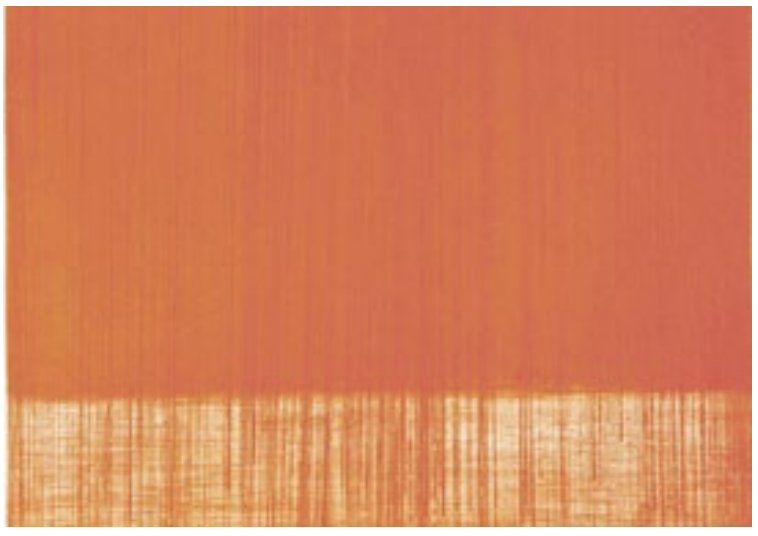
O Centro Cultural Banco do Brasil recebe a partir desta quarta-feira (24) uma das mais ambiciosas mostras do ano: "José Pedro Croft: reflexos, enclaves, desvios". A exposição do renomado artista português, com curadoria de Luiz Camillo Osorio, apresenta cerca de 170 obras que estabelecem um diálogo único entre arte contemporânea e arquitetura histórica, ocupando todo o primeiro andar e a famosa rotunda do prédio do CCBB.

O ponto alto da mostra é uma instalação inédita criada especialmente para a rotunda, onde Croft utiliza um sofisticado jogo de espelhos para transformar a percepção do espaço. O público verá partes do prédio histórico refletidas como fragmentos de um grande quebra-cabeça, enquanto a vista superior criará um espaço negativo com a imagem invertida do edifício, gerando a impressão de que a claraboia se encontra no fundo de um poço de 40 metros de profundidade. Esta intervenção exemplifica a proposta central da exposição: ativar o ambiente integrando espaço e obra de forma indissociável. **Continua na página seguinte**

Fotos/Divulgação

A mostra concentra-se principalmente em gravuras e desenhos, complementadas por esculturas e instalações que ampliam a compreensão sobre os temas recorrentes na trajetória do artista

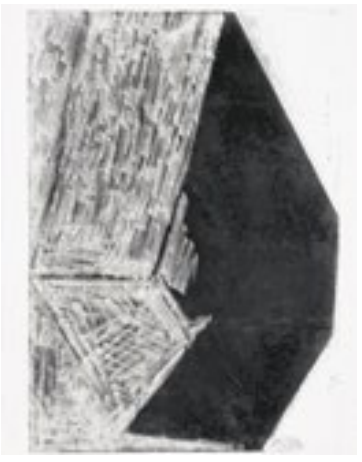
Linguagens **dominadas** por décadas



A mostra concentra-se principalmente em gravuras e desenhos, linguagens que José Pedro Croft domina há décadas, complementadas por esculturas e instalações que ampliam a compreensão sobre temas recorrentes em sua obra: o corpo, a escala e a arquitetura. Nascido no Porto em 1957, o artista pavimentou uma sólida carreira internacional.

"José Pedro Croft é um dos principais artistas portugueses da geração que se formou logo após a Revolução dos Cravos. Teve sua trajetória artística toda vinculada aos ideais de liberdade, cosmopolitismo e experimentação. Trata-se de uma poética visual que se afirma no enfrentamento da própria materialidade das linguagens plásticas: a linha, o plano, a cor, o espaço", explica o curador Luiz Camillo Osorio, destacando como o trabalho sempre considera "sua expansão junto à arquitetura e ao corpo".

As gravuras, suporte com o qual Croft trabalha desde os anos 1990, ocupam posição central na exposição, incluindo obras monumentais que chegam a 140x243 centímetros. Para o artista, esta técnica representa muito mais que um meio expressivo secundário. "A gravura é um trabalho de grande ciência física e artesanal, com muito rigor e entrega. Não é algo secundário. Para mim, é uma âncora do meu trabalho. Há coisas que fiz em gravura, que vão me dar soluções para o meu trabalho em escultura", afirma Croft. Diversas séries de anos distintos, muitas realizadas sobre a mesma chapa de metal, aguçam a percepção do público através de variações sutis que revelam o processo criativo.



O curador enfatiza a dimensão política desta abordagem: "Ver não é reconhecer. As muitas variações no interior das séries gráficas conduzem o olhar para dentro do processo em que repetição e diferença se potencializam. A atenção para o detalhe é uma convocação política em uma época de dispersão interessada". Esta filosofia se materializa também nos desenhos apresentados, muitos realizados sobre provas de gravuras com nanquim de 0,25 milímetros. "Eu as uso como uma memória e desenho por cima com linhas de nanquim super finas, criando volumes. Faço os desenhos à mão, trazendo esse mundo de imagens de pixels para a nossa realidade, que é física ainda. É uma maneira de resistir a velocidade de estarmos sempre ligados a um excesso de estímulos", explica o artista.

Seis esculturas complementam o conjunto, sendo quatro inéditas criadas especialmente para a exposição. Todas executadas em ferro, espelho e vidro, elas estabelecem conexões formais e conceituais com as gravuras. "Há uma articulação interna entre o enfrentamento exaustivo da chapa de metal das gravuras com os deslocamentos ópticos e os desvios insinuantes de suas esculturas. O metal, o vidro, os espelhos, a linha, a cor, a memória gráfica, as sobreposições, a instabilidade; tudo isso reverbera entre as gravuras, os desenhos e as esculturas", observa Osorio.

SERVIÇO

JOSÉ PEDRO CROFT: REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
De 24/9 a 7/11, de quarta a segunda (9h às 20h)
Entrada franca

Joana Luz/Divulgação

Aposte em Carla Ribas e 'Dolores' para o futuro do cinema brasileiro na mostra Horizontes Latinos de San Sebastián

SSIFF
Donostia Zinemaldia
Festival de San Sebastián
International Film Festival

A estrela sobe... e alto

Carla Ribas põe os Horizontes Latinos de San Sebastián aos pés do cinema brasileiro com 'Dolores', produção que parte de um argumento derradeiro de Chico Teixeira, morto em 2019

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Tomada pela emoção na saída da projeção de "Dolores", Carla Ribas contou ao Correio da Manhã que recebeu do amigo Chico Teixeira (1958-2019), pouco antes de ele serenar, uma versão de base do roteiro que contagiou os Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián no sábado passado.

Foi em parceria com esse cineasta, em 2007, que a atriz carioca, antes só conhecida por trabalhos no teatro, teve a chance de protagonizar "A Casa de Alice", que lhe rendeu o Troféu Redentor na Première Brasil, uma série de convites (para a TV e os palcos) e elogios da crítica, diante do que muitas resenhas definiram como a "atuação de uma vida".

Há gente falando isso dela uma vez mais no evento espanhol, onde a produção dirigida por Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes pode render ao país um prêmio dedicado a vozes autorais da Pangeia de colonização ibérica.

"Revisitar o Chico foi muito importante desde o começo. Li umas duas ou três versões que ele me mandou. Depois que ele não teve como filmar, o Marcelo e a Maria Clara trouxeram um tratamento novo com detalhes que homenageiam o Chico. Ele está em San Sebastián com a gente", disse a atriz ao Correio da Manhã em Donostia, nome da cidade em basco e euskera, a língua local. "Uma das vantagens de ser atriz é a gente se colocar nas circunstâncias das nossas personagens", refletiu a estrela em resposta à plateia do Kursaal.

Dez anos atrás, seu querido Chico venceu o Kikito de Melhor Filme do Festival de Gramado com "Ausência", no qual trabalhou com Gilda Nomacce, diva do cinema indie que, como Ribas, é um reator nuclear de inquietação dramática. As duas trabalham agora sob a batuta de Maria Clara e Gomes, que também dirigiu Carla na minissérie "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", hoje na HBO MAX. No filme dessa dupla de cineastas, San Sebastián riu, ficou tenso e chorou peripécias da vendedora de roupas íntimas Dolores, que chega aos 65 anos assolada pelo vício em jogo. Não por acaso, seu projeto para o futuro é abrir um cassino, apoiada em um sonho premonitório de êxito. As visões que tem não a livraram de perder muita coisa, entre elas o apreço de sua única filha, a também comerciante de lingerie Deborah (Naruna Costa, um vulcão na tela). Ela suspeita de que seu pai morreu de desgosto com a dependência de Dolores, sua companheira, em apostas. Já Duda é mais compreensiva com a avó. Trabalha numa loja de armas, atira bem à beça e sonha em se mudar para os EUA, a fim de poder aproveitar a vida com mais conforto.

A fotografia de Joana Luz e a atuação estonteante de Roney Vilella como Bigode, o quase namorado de Dolores são trunfos a mais do longa. Um dia antes de sua exibição em concurso, Ribas passou pela sala El Príncipe de Donostia em "Ainda Estou Aqui", integrando a trupe de Walter Salles no drama ganhador do Oscar, em Hollywood, e do Grand Prix Fipresci, entregue pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica na sexta.

Divulgação

François Civil é o musicista Mathias em 'Dois Pianos', de Arnaud Desplechin

Vitamina para o melodrama

Sucesso de público e crítica na Europa, o diretor Arnaud Desplechin dispara na corrida pela Concha de Ouro de San Sebastián com 'Dois Pianos', já assegurado pelo Festival do Rio

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Um comentário feito no Teatro Kursaal, centro nervoso do Festival de San Sebastián, traduz na mais plena exatidão o cinema de que o francês Arnaud Desplechin, de 64 anos, busca levar às telas desde a década de 1990: "Tenho um coração grande". É dessa grandiosidade (leia-se empatia) que nasce "Dois Pianos", o mais apaixonante dos concorrentes à Concha de Ouro de 2025 exibidos pela maratona espanhola de sexta até agora. O Festival do Rio, que vai mobilizar a geografia carioca de 2 a 12 de outubro, já anunciou que vai exibir esse melodrama regado a Debussy e outros cânones da música.

"Eu fiz de tudo na minha carreira no cinema, de eletricista a fotógrafo, passando pela escrita de roteiros e pela direção, mas de som eu não entendo nada que não uma coisa; você deve ter sempre o melhor técnico no assunto na sua equipe. Eu contrato o melhor e resolvo. Sergio Leone, por exemplo, rodava seus faroestes com um designer sonoro francês dos melhores. A gente está falando de música e, neste nosso mundo em crise, ela é a única salvação possível", disse Desplechin em resposta ao Correio da manhã em San Sebastián.

De uma destreza notável no trançado de diferentes vértices de uma geometria de solidões e desconexões, "Deux Pianos" (título original) marca a volta à telona do realizador de "Reis e Rainha" (2004) e "Terapia Intensiva", considerado um dos mais prolíficos realizadores de verve autoral da França. Seu mais recente argumento, escrito a quatro mãos com Kamen Velkovsky, deleita a sua câmara com

Rodrigo Fonseca

O realizador francês concorre ao troféu mais disputado de Donostia com um folhetim sobre quiprocós amorosos no mundo da música clássica

a luz da cidade de Lyon. No local, um pianista da mais alta virtude ao teclado chamado Mathias (vivido por François Civil) regressa à região para reencontrar a sua antiga tutora, a regente Elena (Charlotte Rampling, em estado de graça), que se debate contra uma doença incurável. Ele cruza-se ainda com a sua paixão de outrora, Claude (personagem de Nadia Tereszkiewicz), agora casada e mãe de um filho. O músico suspeita de que possa ser o pai do guri. Entre as suas dúvidas, a angústia de Claude, uma morte das mais inusitadas e o penoso calvário de Elena, Deplechin fala de perdas e reinvenções.

"Os meus filmes são muito falados, talvez porque eu admire Bergman e goste imensamente do ruído que existe no desespero humano. Por isso, quando eu escrevo para uma atriz ou um ator, tento dar a eles falas que representem algo maior do que um senso corriqueiro", diz o cineasta ao Correio.

Em 1991, "La Vie Des Morts" marcou a estreia de Desplechin, então um jovem aspirante a artista, vindo de Roubaix, onde nasceu, há 64 anos. Desde então, construiu um patrimônio audiovisual de histórias sobre afetos consagrado com sete indicações à Palma de Ouro, uma láurea de melhor documentário em Veneza (dada a "L'Aimée", em 2007) e o Prêmio SACD da Quinzena de Cannes, confiado em à sua obra-prima, "Três Lembranças Da Minha Juventude" (2015). Em 2024, levou o ensaio documental "Loucos Por Cinema!" à Croisette e bateu ponto também em seções paralelas de San Sebastián, onde o longa foi ovacionado.

"Tentei construir algo que conversasse com 'Roma', de Fellini, ou seja, uma referência de memória de vida em complexos exibidores", disse Desplechin.

San Sebastián termina no dia 27, com a entrega de troféus. Até o momento, na competição pela Concha de Ouro, além de Desplechin, a Bélgica de destaca com "Six Jours Ce Printemps-là", de Joachim Lafosse. A trama expõe o racismo europeu ao seguir os passos de uma jovem mãe de gêmeos que leva seus meninos até a Riviera, para desfrutar da casa de seus ex-sogros.

Nesta quarta, o evento aguarda a vista de um mestre chileno da não ficção: Patricio Guzmán. Aos 84 anos, ele é esperado para acompanhar a projeção de um clássico de sua obra "Chile, La Memoria Obstinada", finalizado há três décadas. A produção integra a retrospectiva "Jóvenes, Cine, Memoria Y Democracia", que valoriza narrativas de arquivos. Em 1995, Guzmán estruturou essa narrativa com foco no Chile escondido por trás da cortina de sua memória dilacerada. Na ocasião, completavam-se vinte e dois anos após o golpe de Estado de Pinochet. Em curso pela França, o cineasta retornou ao seu país para compreender como e em que medida o esquecimento imposto por Pinochet pôde destruir a memória e a energia de um povo. O filme rendeu a Guzmán o prêmio do público no Festival Internacional de Documentários de Marselha 1997.

ENTREVISTA / AVELINA PRAT, CINEASTA

'Entre Espanha e Portugal, estando tão perto, nos sentimos noutro lugar'

SSIFF
Donostia Zinemaldia
Festival de San Sebastián
International Film Festival

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Apesar de ter emplacado títulos na competição oficial pela Concha de Ouro, como o thriller de ação "Los Tigres", de Alberto Fernández, sobre mergulhadores às voltas com o tráfico, o cinema ibérico conquistou uma mostra paralela no Festival de San Sebastián para ostentar a vitalidade que hoje torna seus filmes um objeto de fetiche em streamings e competições de narrativas audiovisuais. Essa seção se chama Made In Spain e lotou sala no fim de semana com "Uma Quinta Portuguesa, que brilhou antes em abril, nas telas do Bafici, na Argentina.

Arquiteta de formação, a diretora valenciana Avelina Prat ultrapassou o Tratado de Tordesilhas que divide as posses espanholas das posses de Portugal no território cinéfilo da representação da cultura lisa e espanhola com essa produção. "Uma Quinta Portuguesa" é uma arrebatadora aula (decolonial) sobre identidades (as novas e as perpétuas), com um pé em Barcelona e outro na "terrinha", entre nossos patrícios. Atuações comoventes do ator andaluz Manolo Solo e de Maria de Medeiros (a cantora, diretora e atriz lusitana que atuou em "Pulp Fiction") asseguram lirismo à narrativa. Os delicados enquadramentos da cineasta impressionam plateias.

A fotografia dionisíaca de Santiago Racaj aquece o clima deste enredo sobre recomeços. Nele, Fernando, um pacato professor de Geografia (papel de Manolo), encontra-se num abismo sentimental após o desaparecimento de sua mulher, uma estrangeira, de origem sérvia. Sem rumo na vida, ele assume uma nova identidade. Com um novo nome (Manuel), vai trabalhar como jardineiro em uma vila, onde trava uma amizade inesperada com a proprietário, Amália (vivida por Maria), e mergulha em um mundo que não lhe pertence.

Realizadora de "Vasil" (2022), Avelina conversou com o Correio da Manhã em San Sebastián e traçou um desenho da produção cinematográfica de sua pátria.

Carlos Lobo/Divulgação

Como avalia a diversidade da seção Made In Spain, de San Sebastián, e como ela reflete o cinema atual do seu país?

Avelina Prat - É precisamente a diversidade o aspecto que eu mais valorizo na seção Made in Spain. Há filmes com temas e gêneros muito diferentes. Coexistem filmes de diretores consagrados com títulos de estreia de cineastas mais jovens. Alguns desses longas têm grande projeção internacional. Essa variedade na filmografia oferece uma ampla visão da produção nacional do ano, mostrando a riqueza do cinema espanhol atual.

O que você encontrou de mais valioso no encontro com Portugal em termos de compreensão da cultura — e do cinema — da Península Ibérica na feitura do longa que exibe em Donostia?

Muitas vezes, viramos as costas a Portugal. Devido à proximidade que temos, deveria haver muito mais trabalho conjunto, muito mais coproduções do que as que existem. A aproximação com Portugal foi muito enriquecedora para mim. Partilhamos muitas ideias a nível cultural e, ao mesmo tempo, existem diferenças próprias da idiossincrasia de cada país. É curioso como, estando tão perto, nos sentimos noutro lugar. Admiro muito a cultura portuguesa.

Qual é a noção de pertencimento — afetivo e geográfico — de que fala o seu filme?

"Uma Quinta Portuguesa" fala do desenraizamento, mas não necessariamente como algo negativo. Fala da possibilidade de encontrar o seu lugar, o seu lar, num local diferente daquele onde estão as suas raízes. O filme fala de como esse lar pode surgir em qualquer lugar, mesmo noutro país. No final, o pertencimento afetivo é mais importante do que o geográfico, e pode ser construído.

Que filmes espanhóis moldaram a sua visão de cinema e que Espanha se encontra retratada hoje no cinema do seu país?

A visão que tenho é formada pelo cinema de todo o mundo, não apenas pelo do meu país, mas ajudou-me muito descobrir autores com uma visão própria, diferente de padrões, que servem de inspiração, que geram referências. As propostas autorais alternativas estão ganhando muita força. Acho que agora se retrata um país mais aberto, com bastante complexidade social e muito mais plural, que reflete as diferentes identidades e culturas próprias de cada região.

Enfim, o protagonismo

Vitor Watkins/Divulgação

Carlos Watkins apresenta temas do chorinho com sensibilidade e técnica apurada em seu tardio álbum de estreia

Veterano da música nacional, Carlos Watkins lança primeiro álbum solo após décadas de carreira como sideman e arranjador

Por **Affonso Nunes**

Após décadas de atuação na música brasileira, o pianista, saxofonista e arranjador Carlos Watkins finalmente registra seu primeiro álbum solo. "Chorinho no Piano" representa tanto a realização de um desejo antigo quanto um marco na trajetória de um músico que construiu carreira sólida nos bastidores da MPB, revelando agora ao público sua técnica refinada e elegância interpretativa.

Watkins iniciou sua formação musical aos seis anos, quando ganhou o primeiro piano do avô. Estudou no Instituto Villa-Lobos e posteriormente na prestigiada Berklee College of Music, em Boston, onde ampliou horizontes entre música erudita, jazz e ritmos latino-americanos.

Ao longo da carreira, integrou formações como Rio Jazz Orquestra, Sexteto de Sopros e Cordas do Instituto Villa-Lobos e Orquestra Ideal de música latina, em Boston. No universo do choro, participou dos grupos "Chapéu de Palha" e "Chorarte", além de atualmente integrar o conjunto Taruira. Como acompanhante, trabalhou com nomes consagrados como Zizi Possi e Eduardo Dusek.

O repertório de "Chorinho no Piano" reúne clássicos de Pixinguinha, Luperce Miranda, Garoto e Tom Jobim, demonstrando reverência aos mestres do gênero. A ousadia fica por conta da inclusão de "Donna Lee", de Charlie Parker e Miles Davis, adaptada para o universo do piano de choro com notável refinamento. A abordagem de Watkins privilegia a clareza harmônica, revelando uma técnica apurada que permaneceu décadas em segundo plano.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Rafael Wainberg/Divulgação

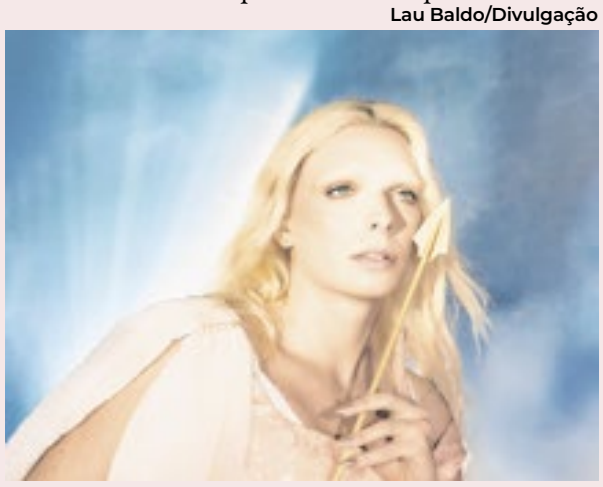
Entre brasilidades

Juliano Juba lança "O Despertar da Liberdade", terceiro single do álbum "Cumbuca", em parceria com Daniel Arruda. A canção explora ancestralidade, fé e raízes brasileiras, seguindo "Cumbuca" e "Nheengatu". Carioca da Zona Norte radicado na terra da garoa, o músico mescla samba, soul, funk, salsa e samba-rock em sonoridade única. "A faixa nasce do samba mas incorpora diferentes brasilidades", explica o artista, que evoca cenários urbanos e rurais na canção. O trabalho reflete a pluralidade cultural brasileira através de vozes e tambores.

Vulnerabilidades

A cantora gaúcha Viridiana lança "Final Feliz", segundo single do álbum "Coisas Frágeis", previsto para 3 de outubro. A faixa conta com participações de Catto e Navalha Carrera, formando encontro entre artistas trans do sul do país. O disco explora vulnerabilidade, amor e desamor, transitando entre pop eletrônico, indie rock e dance punk. Também terá participação de Clarice Falcão. Sonoridades influenciadas por Daft Punk, New Order, Marina Lima e Madonna compõem o trabalho autoral da produtora e compositora.

Lau Baldo/Divulgação



Pan Alves/Divulgação

Maracatu vibrante

Natália Xavier acaba de lançar nas plataformas digitais a autoral "Relampejo", um maracatu vibrante que evoca ritmos nordestinos. A faixa sucede "Seiva" e marca nova fase da artista que transita entre música, poesia e artes visuais. Filha de pernambucana e baiano, ela incorpora tradições como maracatu, coco e ijexá. Com mestrado em Poéticas Visuais pela Unicamp, Natália lançou em 2022 o álbum "Eu Também Sou Teus Rios" e o livro "Eu Pedi Pelos Tigres". Com apoio da Lei Aldir Blanc, apresentará quatro singles inéditos ainda neste semestre.

Na contagem regressiva do Tomorrowland

Palco do evento de 2024 na Bélgica será um das novidades do festival

Por Rafael Lima

Divulgação

Maior evento da música eletrônica do país acontece no interior de SP

Faltam poucas semanas para o início do Tomorrowland Brasil 2025. O festival, um dos principais eventos do país, acontece entre os dias 10 e 12 de outubro, na área do Parque Maeda, em Itu (SP). Este ano, a edição brasileira do badalado festival de música eletrônica traz o tema "Life", um prelúdio do "Elixir of Life" de 2016, revelando as origens da lendária poção da cura.

Ambientada no reino místico de Silvyra, onde a natureza, criaturas e pessoas vivem em harmonia, essa bela história se desenrolará no palco principal "Life", criando mais um capítulo da narrativa do evento. Apresentado pela primeira vez na edição especial de 20 anos do Tomorrowland na Bélgica, no passado, a estrutura do palco viaja até o Brasil, tornando-se o coração do festival no Parque Maeda.

Uma das novidades deste ano é o palco Morpho, pronto para receber grandes nomes do psytrance e progressive house, incluindo Brune Martini, DubVision, Fedde Le Grand, Fernanda Pistelli, KVSH, Laidback Luke, Liu, Lucas & Steve, Mandy, Matisse & Sadko, Third Party, Vegas, entre outros. Estreando no Brasil, o novo palco é inspirado no design do palco em forma de libélula apresentado na residência do Tomorrowland em Ushuaïa Ibiza, em 2024.

A line-up do evento brasileiro conta com mais de 150 dos melhores artistas do mundo se apresentando em seis palcos. Além dos nomes já anunciados como Agents Of Time, Alesso, Alok, Anna, Antdot, Armin van Buuren, Axwell, Bhaskar, Bibi Seck, B Jones, Bora Uzer, Cassian, Cat Dealers, Curol, Da Tweekaz, David Guetta, Dimitri Vegas, DubVision, Fedde Le Grand e Lost Frequencies, entre outros, o festival anunciou recentemente mais atrações lendárias como Argy, Avalon Emerson, Azyr, Deadmau5, DJ Tennis, Green Velvet, Joyhauser, Nico Moreno, Shimza e Space 92.

Para os aventureiros, o DreamVille, camping oficial do Tomorrowland Brasil, oferece uma experiência de imersão numa mágica escapada de cinco dias, colado à área do festival no Parque Maeda, com diversas opções de acomodação.

CRÍTICA / DISCO / UTOPIA

A utopia fantástica de Dori Caymmi

Por **Aquiles Rique Reis***

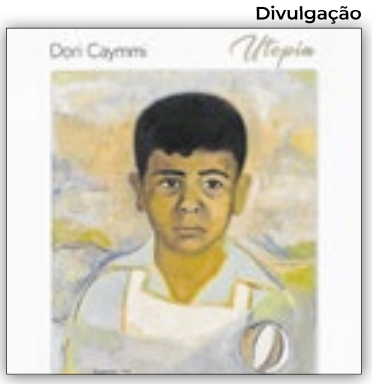
Hoje vamos de Utopia (Biscoito Fino), o recém-lançado álbum de inéditas de Dori Caymmi, ele que está na flor da jovialidade musical de sua carreira – fato a ser comemorado com vivas e salves pelos amantes da música brasileira. Suas músicas soam com o frescor do bom senso de quem conhece os atalhos da confecção de harmonias e melodias. Algumas músicas:

"Búzios Azul" (Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro), com participação do Boca Livre, inicia com o Boca fazendo coro para que brilhe o cantar de Dori. Os cinco seguem com ele fazendo a quinta voz do arranjo vocal de Maurício Maestro. Instrumentistas: Dori Caymmi (violão), Maurício Maestro (violões de aço e náilon e baixo elétrico), Itamar Assiere (piano) e Jurim Moreira (batera).

"O Nome da Moça" (DC e Roberto Didio) traz a voz de Mônica Salmaso. A intro é do violão de Dori e do clarinete de Cristiano Alves. Acompanhada só pelo violão, vem Salmaso, meu Deus! O clarinete se ajunta a eles para logo tocar um intermezzo. Dori volta a cantar com Salmaso. A delicadeza se acentua. Instrumentistas: Itamar Assiere e Paulo Aragão (violão), Jorge Helder (baixo elétrico) e Jurim Moreira (batera).

Para "Viageiro" (DC e Paulo César Pinheiro), Dori convidou um grande coral: MPB4, Mônica Salmaso, Boca Livre e Sérgio Santos. A viola (Neymar Dias) ponteia o baião. A sanfona (Lulinha Alencar) se ajunta a ela e apoiam Dori e o coral. O arranjo embala a cantoria. Instrumentistas: Dori Caymmi (violão), Itamar Assiere (piano), Paulo Aragão (violão), Jorge Helder (baixo elétrico), Jurim Moreira (batera).

Divulgação



"Pelas Mãos de Algum Poeta" (DC e Sérgio Santos) conta com a participação de Sérgio Santos. Com sua bela voz, Sérgio se ajunta com Dori e arrasam no duo em uníssono. Instrumentistas: Dori Caymmi (violão), Itamar Assiere (piano), Jorge Helder (baixo elétrico), Jurim Moreira (batera e percussão), Lulinha Alencar (sanfona) e Neymar Dias (viola).

"Isabela" (DC e Ivan Lins) tem a participação de Ivan. Jorge Helder está no baixo elétrico e Jurim Moreira na batera. Dori canta com o piano de Itamar Assiere, e Ivan com apoio das flautas em sol e em dó de José Carlos bigorna e Dirceu Leite.

Para regravar o frevo "Ninho de Vespa (DC e PC Pinheiro) – a única não-inédita do álbum –, Dori chamou o MPB4. O arranjo vocal de Paulo Pauleira tem nos saxes alto de Dirceu Leite e do tenor de Zé Carlos Bigorna o apoio para as vozes. Instrumentistas: Assiere (piano), Jorge Helder (baixo elétrico) e Jurim Moreira (batera).

Ouvir Utopia é como subir a pedra do Arpoador e, lá do alto, apreciar o por do sol atrás do Morro Dois Irmãos: um arrepio a cada constatação de que a beleza se faz do cenário que a evoca. Ouça o álbum completo em https://l1nk.dev/Vtl8E

Ficha técnica

Produção: Jorge Helder; produção; gravação, mixagem e masterização: Lucas Ariel (Estúdio Biscoito Fino); assistente de gravação: Walace Ferreira.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

Fotos/Ricardo Adami/Divulgação

Cia. Nós da Dança celebra quatro décadas com espetáculo que reúne coreografia inédita e obra emblemática do repertório do grupo

Amor, corpos e **espiritualidade**

A tradicional Cia. Nós da Dança, sob direção artística da coreógrafa Regina Sauer, retorna aos palcos cariocas com "Dois: Místico & Amor", eem cartaz no Teatro Cacilda Becker, no Catete. A apresentação marca um momento especial na trajetória da companhia, que acumula mais de quatro décadas de atuação na cena cultural carioca, propondo uma reflexão sobre duas dimensões fundamentais da experiência humana: o amor romântico e a busca espiritual pela harmonia interior.

Estruturado em dois atos distintos, o espetáculo oferece ao público uma jornada emocional que transita entre a celebração do amor correspondido e a exploração das energias que permeiam a existência.

O primeiro ato apresenta a estreia de "Amor", coreografia inédita que celebra o estado de estar apaixonado através da leveza e alegria do amor correspondido. A obra utiliza uma trilha sonora composta por clássicos da música popular brasileira, incluindo "Amor I Love You", "O Amor" e "O Que Tinha de Ser", criando uma atmosfera de celebração que convida o público à emoção através de movimentos sensíveis e cores vibrantes. O encerramento deste primeiro momento é marcado por uma performance especial de "Evidências", cantada ao vivo, em uma homenagem à própria trajetória da companhia, evidenciando a conexão entre arte e memória afetiva.

Estruturado em dois atos distintos, o espetáculo oferece ao público uma jornada emocional entre a celebração do amor e a exploração das energias criadoras

Complementando este primeiro ato, o público também assistirá à coreografia "Amor e Sexo", assinada pelo coreógrafo convidado Lucas Sauer ao som da famosa canção de Rita Lee (1947-2023).

O segundo ato resgata a emblemática coreografia "Místico", criada originalmente em 1997 e agora revisitada após quase três décadas. Esta obra propõe uma jornada pela energia que permeia tudo o que existe, do ser humano à natureza, do visível ao invisível, revelando a dimensão mais contemplativa e filosófica do trabalho da Cia. Nós da Dança. A coreografia apresenta forte influência do feminino como força criadora, organizando-se em dois momentos simbolicamente opostos e complementares.

O primeiro momento, denominado Dia, utiliza figurinos em tons terrosos que remetem à conexão com a terra e os elementos naturais, enquanto o segundo momento, a Noite, é marcado pelo brilho do prata, sugerindo a dimensão lunar e misteriosa da experiência espiritual. A trilha sonora, composta exclusivamente por músicas instrumentais, permite que o movimento se torne protagonista absoluto, criando um ambiente propício à meditação e ao recolhimento interior.

SERVIÇO

DOIS: MÍSTICO & AMOR

Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338)

Até 28/9, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)

Ingressos: R$ 50 e R$ 25 (meia)